

Eve Ensler

prefácio de
Gloria Steinem

Os Monólogos
da Vagina



B
BERTRAND BRASIL

"Eu estava preocupada com a questão das vaginas, preocupada com o que pensamos a respeito delas, e, mais ainda, com o fato de que não pensamos nelas [...] Foi então que decidi conversar com mulheres sobre suas vaginas, ou melhor, fazer entrevistas sobre vaginas, as quais acabaram tornando-se 'Os Monólogos da Vagina'. Conversei com mais de duzentas mulheres. Dessas conversas participaram mulheres idosas, jovem, casadas, solteiras, lésbicas, professoras, atrizes, executivas, especialistas do sexo, afro-americanas, latinas, americanas de descendência asiática, americanas brancas e judias.

No início, elas se mostravam relutantes em conversar sobre o assunto. Sentiam-se um pouco tímidas. Mas, depois que davam o primeiro passo, não havia como pará-las."

Assim começa a surpreendente, reveladora e hilariante viagem de Eve Ensler à última fronteira: a região proibida no coração de toda mulher. Adaptado do espetacular monólogo feminino que tem sacudido as platéias pelo mundo afora, este livro profundamente inovador dá voz

a um coro de histórias luxuriosas, extravagantes, comoventes e integralmente humanas, e transforma o ponto-de-interrogação que paira sobre a anatomia feminina em perene "V" de vitória. Com humor e compaixão, Ensler transporta-nos para um mundo que jamais ousáramos conhecer, e que, após a leitura de *Os Monólogos da Vagina*, jamais tornaremos a ver o corpo feminino com os mesmos olhos.

Eve Ensler é poeta, ativista, dramaturga premiada e roteirista. Dentre os diversos trabalhos para o teatro contam-se: *The Depot, Floating Rhoda and The Glue Man, Extraordinary Measures, Lemonade, Ladies Necessary Targets*, este último, o mais recente deles, montado na Broadway em benefício das refugiadas da Bósnia. Ela tem exibido *Os Monólogos da Vagina* (vencedor do Obie Award de 1997), peça de teatro experimental de grande sucesso, em teatros e universidades americanas, assim como em Jerusalém, Londres e Zagreb. Escreveu também um roteiro para TV sobre presidiárias para Glenn Close, da Miramax, e uma nova peça para o Music Theater Group. Instrutora do curso de pós-graduação do Programa de Dramaturgia da New York University, Eve Ensler mora em Nova York com seu companheiro, Ariel Orr Jordan.

O S
M O N Ó L O G O S
D A
V A G I N A



E v e E n s l e r

Prefácio
Glória Steinem

Tradução
Fausto Wolff

1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025

EB
BERTRAND BRASIL

Para Ariel, que embala minha vagina

e explode meu coração

Copyright © 1998, Eve Ensler
Tradução publicada mediante contrato com Villard Books,
uma divisão da Random House, Inc.

Título original: *The Vagina Monologues*

Capa: Silvana Mattievich

Editoração: Art Line

2000

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E52m Ensler, Eve, 1953-

Os monólogos da vagina / Eve Ensler; tradução
Fausto Wolff; prefácio Gloria Steinem. — Rio de
Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

128p.

Tradução de: *The vagina monologues*
ISBN 85-286-0752-6

1. Monólogos. 2. Vagina. 3. Mulheres. I. Wolff,
Fausto, 1940-. II. Título.

00-0011

CDD 812

CDU 820(73)-2

Todos os direitos reservados pela:
BCD UNIÃO DE EDITORAS SA
Av. Rio Branco, 99 — 20a andar — Centro
20040-004 — Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (0XX21) 263-2082 Fax: (0XX21) 263-6112

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

P R E F Á C I O

por Gloria Steinem

Venho da geração do "lá embaixo". Quero dizer, essas eram as palavras — raramente ditas e ainda assim em voz sussurrada — usadas pelas mulheres da minha família para se referirem a toda a genitália feminina, interna ou externa.

Não que elas ignorassem termos como vagina, lábios, vulva, clitóris. Ao contrário, foram educadas para se tornar professoras e provavelmente tinham mais acesso à informação do que a maioria.

Não era porque não fossem liberadas ou fossem puritanas — como elas diriam. Uma de minhas avós

ganhava dinheiro da sua rígida igreja protestante, escrevendo sermões para os pastores, descrente de tudo que havia escrito neles. Faturava ainda mais dinheiro, apostando o que ganhava nas corridas de cavalos. A outra era sufragista, educadora, e até mesmo uma das primeiras mulheres a se candidatar a um cargo eletivo, para escândalo da sua comunidade judaica. Quanto à minha mãe, foi uma repórter pioneira, anos antes de eu haver nascido. Orgulhava-se de criar as duas filhas de um modo ainda mais liberal do que aquele com que seus pais a haviam criado. Não me lembro dela usando qualquer dessas gírias que fazem o corpo feminino parecer uma coisa suja e vergonhosa — e por isso lhe sou muito grata. Como vocês verão neste livro, muitas meninas cresceram carregando uma carga bem mais pesada do que a minha.

Ainda assim, eu não ouvia palavras mais acuradas e, muito menos, que tivessem alguma conotação de orgulho. Por exemplo: jamais ouvi a palavra *clitoris*. Levaria muitos anos para eu aprender que a mulher possui o único órgão do corpo humano sem outra função senão a de proporcionar prazer. (Se tal órgão fosse exclusividade do corpo masculino, já imaginaram o quanto teríamos de ouvir a respeito — e tudo o que se usaria para justificá-lo?) Enquanto

eu aprendia a falar, a soletrar, a cuidar do meu próprio corpo, diziam-me o nome de cada uma das suas incríveis partes — exceto os de uma área jamais mencionada. Isso me deixou vulnerável às piadas sujas no pátio da escola e, mais tarde, à crença popular de que os homens, fossem eles amantes ou médicos, sabiam mais sobre os corpos das mulheres do que elas próprias.

Vislumbrei pela primeira vez o espírito de autoconhecimento e liberdade que vocês encontrarão nessas páginas quando vivi na Índia por um par de anos, depois de me formar na universidade. Nos templos e santuários, vi o *lingam*, um abstrato símbolo genital masculino. Mas vi também a *yoni*, símbolo genital feminino, pela primeira vez: um triângulo em forma de flor, ou ovalado com duas pontas. Disse-ram-me que milhares de anos atrás esse símbolo era idolatrado como sendo mais poderoso que seu correlato masculino, uma crença que alcançou o Tantrismo, cujo dogma central é a falta de habilidade do homem para atingir a satisfação espiritual completa, exceto pela união sexual e emocional com a energia superior da mulher. Era uma crença tão profunda e abrangente, que mesmo algumas religiões monoteístas, que excluem as mulheres, e que apareceram

depois, mantiveram-na em suas tradições, embora fosse (e continue sendo) marginalizada e considerada uma heresia pelos líderes religiosos.

Por exemplo, os cristãos gnósticos reverenciavam Sofia como o espírito santo feminino e consideravam Maria Madalena a mais sábia dentre os discípulos de Jesus; o budismo tântrico ainda nos ensina que o caráter do budismo reside na vulva; os místicos Sufi do Islã acreditam que *fana*, ou o êxtase, só pode ser atingido através de Fravashi, o espírito feminino; a Shekina do misticismo judaico é a versão de Shakti, a alma feminina de Deus; e até mesmo a Igreja católica incluiu formas de adoração a Maria que se focalizam mais na Mãe do que no Filho. Em muitos países da Ásia, África e outras partes do mundo, onde os deuses continuam sendo representados tanto em forma feminina como masculina, os altares mostram a Jóia no Lótus e outras representações do *lingam-na-yoni*. Na Índia, as deusas Durga e Kali são corporificações dos poderes de nascimento e morte, criação e destruição *da yoni*.

De qualquer modo, quando voltei para casa, a Índia e o culto à *yoni* pareciam muito distantes das atitudes norte-americanas em relação ao corpo feminino. Até a revolução sexual dos anos sessenta fez ape-

nas com que um número maior de mulheres ficasse sexualmente disponível para mais homens. O "não" dos anos cinquenta acabara de ser substituído por um constante e raivoso "sim". Somente com o surgimento do ativismo feminista dos anos setenta é que começaram a surgir alternativas para tudo, do patriarcalismo religioso a Freud (a distância de A a B), dos dois pesos e duas medidas do comportamento sexual do padrão único — patriarcal/político/religioso — ao controle dos corpos femininos como meios de reprodução.

Simbolizo esses primeiros anos de descobertas com lembranças das minhas caminhadas pela *Woman House* de Judy Chicago, em Los Angeles, onde cada quarto foi criado por uma artista mulher diferente e onde descobri pela primeira vez o simbolismo feminino na minha própria cultura. (Por exemplo, a forma que chamamos de coração — cuja simetria lembra a vulva muito mais do que a assimetria do órgão com o qual divide o nome — provavelmente é resíduo do símbolo genital feminino. Séculos de dominação masculina reduziram esse símbolo de poder a símbolo de romance.) Outra lembrança fundamental: estar sentada num café de Nova York com Betty Dodson (vocês vão encontrá-la nessas páginas) e tentar me manter fria, enquanto ela eletrizava as mesas próximas

com a sua animada teoria da masturbação como força libertadora. Mais outra: voltar à revista *Ms.* E encontrar, entre os inúmeros bilhetes humorísticos no quadro de avisos, o seguinte: SÃO DEZ HORAS DA NOITE. VOCÊ SABE ONDE ESTÁ O SEU CLITÓRIS?

Na época em que as feministas usavam *bottons* e camisetas com a expressão CUNT POWER! (Poder da Boceta) como forma de reivindicar aquela palavra desvalorizada, reconheci a restauração de um antigo poder. Afinal de contas, a palavra indo-européia *cunt*, do título de Kunda ou Cunti, da deusa Kali, tem a mesma raiz de *kin* (família, consangüíneo) e *country* (país, campo).

Essas últimas três décadas de feminismo foram também marcadas por uma raiva profunda, na medida em que a verdade da violência contra o corpo feminino era revelada, fosse através do estupro, abuso sexual contra crianças, ataques às lésbicas, abuso contra mulheres, assédio sexual, terrorismo contra a liberdade de procriação ou o crime internacional da mutilação da genitália feminina. A sanidade mental das mulheres foi salva quando elas alardearam essas experiências que mantinham em segredo, deram nomes a elas e transformaram o nosso rancor em ação positiva para analisar e reduzir a violência. Par-

te da onda de criatividade que resultou dessa energia utilizada na formulação da verdade é este livro e a respectiva peça de teatro.

Quando vi Eve Ensler atuando no palco e usando as íntimas narrativas dessas páginas — resumo de mais de duzentas entrevistas transformadas posteriormente em poesia cênica —, pensei: *Eu já conheço isso. E a viagem da verdade, dizendo o que fizemos nas últimas três décadas.* Absolutamente verdadeiro. As mulheres revelaram a Eve Ensler suas experiências mais íntimas, do sexo ao parto, da não declarada guerra contra as mulheres à nova liberdade do amor entre mulheres. Em cada página, vemos o poder de dizer o indizível e vemos também as histórias dos bastidores deste livro. O dono de uma editora pagou um adiantamento pelo livro. Já sóbrio, repensou a coisa toda e disse à autora que poderia ficar com o dinheiro desde que levasse o livro e seus palavrões para bem longe dele. (Agradeço a Villar por ter mantido todas as palavras femininas — mesmo no título.)

Mas o valor de *Os Monólogos da Vagina* vai além da redenção de um passado cheio de atitudes negativas. Oferece ainda, além de uma forma pessoal, uma forma corporal para as mulheres marcharem em direção ao futuro. Acho que os leitores — homens e mu-

lheres — emergirão dessas páginas não apenas se sentindo mais livres em relação a si mesmos como em relação aos outros. Além disso, encontrarão alternativas para o antigo dualismo patriarcal de feminino/masculino, corpo/mente, sexo/espírito, enraizados na divisão do nosso eu corporal que determina as "partes sobre as quais falamos" e "as partes sobre as quais não falamos".

Se um livro que traz a vagina no título parece distante das questões políticas e filosóficas, ofereço uma das minhas descobertas atrasadas.

Em 1970, enquanto pesquisava na Biblioteca do Congresso, encontrei uma obscura história sobre arquitetura religiosa que aborda um fato como se ele fosse de conhecimento público. O traçado tradicional da maioria dos templos patriarcais imita o corpo feminino. Conseqüentemente, há uma entrada externa e outra interna (grandes e pequenos lábios); um corredor vaginal central que leva em direção ao altar; duas estruturas curvas e ovarianas em ambos os lados: e, então, no centro sagrado, o altar ou útero, onde acontece o milagre — onde homens dão a luz.

Embora essa comparação fosse novidade para mim, atingiu-me como uma pedra jogada no fundo de um poço. *É claro, pensei, a cerimônia central das reli-*

giões patriarcais é aquela em que os homens assumem o poder yoni da criação, dando a luz simbolicamente. Não é por acaso que líderes religiosos masculinos proclamam tão freqüentemente que os seres humanos nasceram em pecado — porque todos nascemos de criaturas femininas. Somente quando obedecemos às regras do patriarcado é que podemos renascer através do homem. Não é de espantar, portanto, que padres e pastores borrifem uma imitação dos fluidos do nascimento sobre nossas cabeças, nos dêem novos nomes e prometam que renascemos para a vida eterna. Não é de espantar também que o clero masculino tente manter as mulheres longe dos altares e as mantenham longe do controle dos seus poderes de reprodução. De modo simbólico ou real, tudo tem como objetivo o controle do poder que reside no corpo feminino.

Desde então, nunca mais tive aquela sensação de estranheza que me invadia ao entrar num templo religioso patriarcal. Ao contrário, passei a caminhar pelo corredor vaginal, planejando retomar o altar com os sacerdotes — *fossem homens ou mulheres* — que não depreciassem a sexualidade feminina para universalizar os mitos masculinos da criação, mas que, ao contrário, multiplicassem palavras e símbolos espirituais e restaurassem o espírito de Deus em todas as coisas vivas.

Se derrubar alguns cinco mil anos de patriarcado parece uma tarefa ambiciosa demais, é necessário que nos concentremos na celebração de cada passo que dermos avante.

Pensei sobre isso ao ver meninas pequenas desenhando corações em seus cadernos e até mesmo usando coraçõezinhos no lugar dos pontos dos is, e me perguntei: *será que estão magnetizadas por essa forma primordial porque se parece com seus próprios corpos?* Pensei nisso novamente ao ouvir um grupo de vinte meninas entre 9 e 16 anos enquanto decidiam criar uma palavra coletiva que incluísse tudo — vagina, grandes e pequenos lábios, clitóris. Depois de muita discussão concordaram com "power bundle", ou seja, "pacote de poder". Mais importante, o debate decorreu entre gritos e gargalhadas. Pensei: *Que longo caminho tivemos de percorrer desde o sussurrado "lá embaixo"*.

Gostaria que minhas antepassadas soubessem que seus corpos eram sagrados. Com a ajuda de vozes indignadas e palavras honestas tais quais a deste livro, acredito que as avós, mães e filhas do futuro cicatrizarão suas feridas — e consertarão o mundo.

I N T R O D U Ç Ã O

"Vagina!" Pronto, eu disse. "Vagina!" — disse de novo. Tenho dito esta palavra o tempo todo nos últimos três anos. Já a disse em teatros, em faculdades, em salas de estar, em cafés, em jantares, em programas de rádio. Tenho dito "Vagina!" por todo o país. Já teria dito "Vagina!" na televisão se alguém deixasse. Eu digo "Vagina" 128 vezes todas as noites durante o meu show, *Os Monólogos da Vagina*, baseado em entrevistas com mais de duzentas mulheres de diversos grupos sobre as vaginas delas. Já disse "Vagina!" enquanto dormia. E digo porque ninguém

espera que eu diga. E digo porque se trata de uma palavra invisível — uma palavra que desperta ansiedade, alerta, desprezo e nojo.

Eu digo a palavra porque acredito que aquilo que não dizemos nós também não vemos, não reconhecemos ou lembramos. O que não dizemos se transforma num segredo, e segredos, muitas vezes, criam vergonha, medos e mitos. Eu digo a palavra invisível porque quero dizê-la um dia sem sentir vergonha ou culpa. Quero dizê-la com tranqüilidade.

Eu a digo porque nós ainda não criamos uma palavra mais abrangente que realmente descreva a área inteira e todas as suas partes. "Pussy" talvez seja uma palavra melhor, mas há tanta coisa conectada a ela. E, além disso, creio que a maioria de nós não tem noção exata sobre o que está falando quando diz "pussy". "Vulva" é uma boa palavra; fala mais especificamente, mas creio que a maioria de nós não sabe claramente o que ela encerra.

Digo "Vagina" porque, quando comecei a dizer esta palavra, descobri o quão fragmentada eu era; como o meu corpo estava desligado da minha mente. Minha vagina era uma coisa acolá, longe na distância. Raramente vivi dentro dela ou mesmo lhe fiz uma visita. Estava ocupada trabalhando, escrevendo, sendo

mãe, amiga. Eu não via a minha vagina como uma fonte primeira, um sustentáculo, um lugar de humor e criatividade. Ela sempre esteve ali, prenhe, cheia de medo. Fui estuprada quando era menininha, e, embora tenha crescido e feito todas as coisas que as mulheres adultas fazem com as suas vaginas, eu realmente jamais reentrara essa parte do meu corpo depois do es-

tupro. Essencialmente, vivi a maior parte da minha vida sem meu motor, meu centro, meu segundo coração.

Eu digo "vagina" porque quero que as pessoas reajam, e elas têm reagido. Têm tentado censurar a palavra em todas as formas de comunicação onde quer que eu apresente meu show *Os Monólogos da Vagina*. Têm tentado censurá-la em anúncios nos maiores jornais, nos tíquetes vendidos em lojas de conveniências, nas bandeiras em frente aos teatros, nas bilheterias, nas secretárias eletrônicas onde uma voz se limita a dizer "Monólogos" ou "Monólogos da V".

— Por que isso? — pergunto. — Vagina não é uma palavra pornográfica. Na verdade, trata-se de um termo médico que indica uma parte do corpo como "cotovelo", "mão", "costela".

— Pode não ser pornográfica — dizem as pessoas — mas é suja! E se nossas filhas pequenas a ouvissem? O que diríamos a elas?

— Talvez vocês pudessem dizer-lhes que elas têm vaginas — eu respondo. — Se é que elas ainda não sabem disso. Talvez vocês até pudessem celebrar.

— Mas nós não chamamos as vaginas delas de "vagina" — elas retrucam.

— E como é que vocês chamam as vaginas das garotas?

E elas me dizem:

— "Pooki", "poochie", "poope", "peepe poope-lu"... e a lista se estende.

Eu digo "vagina" porque tenho lido as estatísticas, e coisas horríveis vêm acontecendo com as vaginas das mulheres em todos os lugares: 500 mil mulheres são estupradas todos os anos nos Estados Unidos; 100 milhões de mulheres tiveram a genitália mutilada no mundo inteiro; e a lista não pára aí. Eu digo "vagina" porque quero que essas coisas horríveis acabem. Sei que elas não pararão enquanto não reconhecermos que elas acontecem, e a única maneira de pararmos com essas coisas é dar às mulheres o direito de falar sem medo de punição e vingança.

É assustador dizer a palavra. "Vagina." No princípio, você tem a impressão de que está se chocando contra um muro invisível. "Vagina." Você se sente culpado e errado, assim como se alguém fosse derru-

bá-lo. Então, depois de dizer a palavra mais de 100 vezes ou mais de 1.000 vezes, lhe ocorre que a palavra é *sua*, que o corpo é *seu*, que ela indica o lugar mais essencial do *seu* corpo. De repente, você se dá conta de que toda a vergonha e o constrangimento que você sentia antes ao dizer a palavra eram formas de silenciar seu desejo, de erodir sua ambição.

Então você começa a dizer a palavra mais e mais vezes. Você a diz com uma espécie de paixão, com um sentido de urgência porque sabe que, se parar de dizê-la, sucumbirá novamente diante do medo e acabará apelando para um sussurro embaraçoso. E então você começa a dizê-la onde pode e fala dela em qualquer conversa.

Você fica excitada sobre a sua vagina; você quer estudá-la, explorá-la, ser apresentada a ela; quer descobrir como ouvi-la, quer lhe dar prazer, mantê-la saudável e forte. Você vai aprender como se satisfazer e ensinar ao seu amante como satisfazê-la.

Você está consciente da sua vagina todo dia, onde quer que esteja — no seu carro, no supermercado, na academia de ginástica, no escritório. Você está consciente dessa preciosa, deslumbrante, vivíssima parte entre as suas pernas. E isso a faz sorrir; sentir-se orgulhosa.

E quanto mais mulheres começarem a dizer a palavra, menos isso parecerá uma grande coisa! A palavra se tornará parte da nossa linguagem, parte de nossas vidas. Nossas vaginas se tornarão integradas, respeitadas e sagradas. Elas passarão a ser parte dos nossos corpos, conectadas às nossas mentes; passarão a alimentar o nosso espírito. E a vergonha irá embora, e a violação parará porque nossas vaginas são visíveis e reais, e estão ligadas a mulheres inteligentes e fortes que não têm medo de dizer "vagina".

Temos um imenso caminho à nossa frente.

Este é o começo. Este é o lugar para pensar sobre nossas vaginas e aprender sobre as vaginas das outras mulheres; é o lugar para ouvir histórias e entrevistas, o lugar para fazer perguntas e ouvir respostas. Este é o lugar para se liberar dos medos, das vergonhas e dos mitos. Aqui é o lugar para praticar dizendo a palavra, pois, pelo que sabemos, é ela que nos impulsiona e nos liberta. "VAGINA!"

OS
MONÓLOGOS
DA
VAGINA

Aposto que você está preocupada. *Eu* estava preocupada. Foi por isso que comecei esta peça. Estava preocupada com vaginas. Estava preocupada sobre o que pensamos sobre vaginas. E estava mais preocupada ainda com o que não pensamos sobre elas. Estava preocupada com a minha própria vagina. Eu necessitava de um contexto de outras vaginas — uma comunidade, uma cultura de vaginas. Há tanto obscurantismo, tantos segredos cercando as vaginas. Elas são como o Triângulo das Bermudas. Ninguém jamais responde de lá.

Em primeiro lugar, não é fácil encontrar sua vagina. Há mulheres que passam semanas, meses e até mesmo anos sem olhar para ela. Entrevistei uma importante mulher de negócios que me disse que estava muito ocupada; não tinha tempo.

— Olhar para a minha vagina — ela disse — é um dia inteiro de trabalho. Você precisa deitar de costas, pernas abertas, em frente a um enorme espelho. Você precisa encontrar a posição perfeita, com a luz perfeita, o que é sempre muito difícil por causa da sombra do espelho e da posição em que você se encontra. Para olhar sua vagina, você tem de se retorcer toda. Para poder ver alguma coisa, você precisa curvar sua cabeça, e isso acaba com as costas. A essa altura você já está exausta com a coisa toda.

Ela me disse que era uma mulher muito ocupada.

Foi então que decidi conversar com mulheres sobre suas vaginas; vaginas de entrevistadas. O resumo dessas entrevistas se transformaram em *Os Monólogos da Vagina*. Falei com mais de duzentas mulheres. Falei com mulheres velhas, mulheres jovens, mulheres casadas, mulheres solteiras, lésbicas, professoras universitárias, atrizes, mulheres de negócios, mulheres que trabalham com sexo, mulheres afro-americanas, mulheres hispânicas, mulheres

asiáticas, nativas americanas, mulheres caucasianas, mulheres judias.

No princípio, todas se demonstraram relutantes em falar. Estavam um pouco envergonhadas. Mas depois que abriam a boca, era difícil fazê-las parar. Secretamente, as mulheres adoram falar sobre suas vaginas. Ficam muito entusiasmadas, principalmente porque, antes, nunca ninguém lhes pedira para falar sobre o assunto.

Vamos começar simplesmente com a palavra "vagina", No mínimo, soa como uma infecção, talvez um instrumento médico.

— Rápido, enfermeira, me dá a vagina!

"Vagina." "Vagina." Não importa quantas vezes você diga, nunca soa como uma palavra que você quer dizer. Uma palavra totalmente ridícula, completamente assexuada. Se você a usar durante o ato sexual, tentando ser politicamente correta — "Meu bem, dá pra massagear a minha vagina?" —, você acabará com o clima erótico na hora.

Estou preocupada com vaginas. Preocupada com os nomes com as quais as chamamos e com os nomes com os quais não as chamamos.

Em Great Neck, ela é chamada de *pussycat* (gatinho). Uma mulher do local me disse que sua mãe costumava lhe recomendar:

— Não ponha calcinhas debaixo do pijama, querida; seu gatinho precisa de ar.

Em Westchester é chamada de "pooki". Em Nova Jersey a chamam de "twat". Há ainda "powderbox", "derrière", "poochi", "poopi", "peepe", "poopelu", "poonani", "pai", "piche", "toadie", "dee-dee", "nishi", "dignity", "monkey box", "coochi snorcher", "cooter", "labbe", "Gladys Siegelman", "VA", "wee-wee", "horsespot", "nappy dugout", "mongo", "pajama", "fannyboo", "mushmellow", "ghoulie", "possible", "tamale", "tottita", "Connie". "Mimi" em Miami, "split nish" na Filadélfia, e "schmende" no Bronx. Estou preocupada com vaginas.



Alguns dos monólogos são quase entrevistas literais, outros foram editados e outros começaram como uma semente de uma entrevista e acabaram senão muito divertidos. O monólogo que se segue está quase como o ouvi. O assunto, entretanto, apareceu em cada entrevista e muitas vezes foi frutífero. O assunto sobre o qual falaremos é...

PÊLOS

Você não pode amar uma vagina se não amar pêlos. Muitas pessoas não gostam de pêlos. Meu primeiro e único marido odiava pêlos. Dizia que eles atrapalhavam e eram sujos. Ele fazia eu raspar os pêlos da vagina. Ela parecia inchadinha e exposta como uma menininha. Isso o excitava. Quando ele fazia amor comigo, minha vagina se sentia como deve se sentir o rosto de um homem que raspou a barba. Era bom massageá-la, mas também doía. Era mais ou menos como coçar uma picada de mosquito. Parecia que ela havia pegado fogo. Onde deveriam estar os

pêlos ficavam protuberâncias vermelhas. Recusei-me a raspar os pêlos da vagina. Então meu marido teve um caso. Quando fomos consultar uma conselheira matrimonial, meu marido disse que trepava com outras mulheres porque eu me recusava a satisfazê-lo sexualmente. Eu não raspava os pêlos da vagina. A terapeuta tinha um forte sotaque alemão e tomava ar entre as frases para demonstrar sua empatia. Ela me perguntou por que é que eu não fazia a vontade do meu marido. Eu lhe disse que achava muito estranho aquele negócio de raspar os pêlos da vagina. Eu me sentia pequena sem os pentelhos e acabava falando com voz de bebê. Além disso, minha pele ficava irritada, e a irritação não passava nem com loção de caiamina. Ela me disse que o casamento era um compromisso. Perguntei a ela se ele pararia de trepar fora de casa se eu raspasse os pêlos da vagina. Perguntei se já fora procurada por muitos casais com o mesmo problema. Ela respondeu que perguntas enfraqueciam o processo. Eu teria de fazer uma tentativa. Ela estava certa de que seria um bom começo.

Dessa vez, quando voltamos para casa, ele raspou os pêlos da minha vagina. Era como um bônus de prêmio pela terapia. Ele cortou os pêlos com uma tesoura, e um pouco de sangue apareceu na banhei-

ra. Ele nem notou, pois estava muito feliz com o que fazia. Então, mais tarde, quando meu marido pressionava seu corpo contra o meu, pude sentir uma aspereza pontiaguda entrando em mim, na minha vagina inchada e nua. Não havia proteção. Não havia lanugem.

Compreendi, na hora, que os pêlos estão onde estão por uma razão — eles são as folhas em volta da flor, o gramado em volta da casa. Você precisa amar os pêlos para poder amar a vagina. Você não pode escolher as partes que quiser. E, além disso, meu marido não deixou de trepar fora de casa.



Fiz as mesmas perguntas a todas as mulheres que entrevistei e então escolhi as minhas respostas favoritas, embora, devo confessar a vocês, jamais tenha ouvido resposta que não adorasse. Perguntei a mulheres:



— *Se sua vagina se vestisse, o que usaria?*

Uma jaqueta de couro.

Meias de seda.

Mink.

Um boá cor-de-rosa.

Um *smoking* masculino.

Jeans.

Alguma coisa bem justa.

Esmeraldas.

Um vestido de baile.

Lantejoulas.

Somente Armani.
Um tutu de balé.
Calcinhas pretas transparentes.
Pijama de veludo púrpura.
Um vestido de baile de tafetá.
Alguma coisa que pudesse ser lavada na máquina.
Máscara de baile à fantasia.
Angorá.

Gravata-borboleta vermelha.
Arminho e pérolas.
Um enorme chapéu cheio de flores.
Um chapéu de leopardo.
Um quimono de seda.
Uma boina.
Calças de *cooper*.
Uma tatuagem.
Um dispositivo elétrico que desse choques para
manter estranhos a distância.
Saltos altos.
Rendas e botas de combate.
Plumas púrpuras, brotos e conchas.
Algodão.
Um babador.
Um biquíni.
Um impermeável.



— *Se sua vagina pudesse falar, o que é que ela diria em duas ou três palavras?*

— *Vá devagar!*

— *É você?*

— *Quero comer.*

— *Eu quero.*

— *Hmm... hmmm...*

— *Oh, que bom!*

— *De novo!*

— *Não, acima!*

- Me chupa!
- Não saia!
- Bela escolha!
- Pense novamente.
- Mais, por favor!
- Me abraça.
- Vamos brincar.
- Não pare.
- Mais, mais!
- Lembra de mim?
- Entra, entra!
- Ainda não!
- Ai, mamãe!
- Sim, sim!
- Me embala!
- O risco é seu!
- Oh, Deus!
- Obrigada, meu Deus!
- Estou aqui.
- Vamos nessa!
- Me acha!
- Muito obrigada!
- *Bonjour!*

Não tão forte!

Não desista!

Onde está Brian?

Assim é melhor!

• Isso, aí!



Entrevistei um grupo de mulheres, cujas idades variavam entre sessenta e cinco e setenta e cinco anos. Essas entrevistas foram as mais pungentes de todas, provavelmente porque ninguém as entrevistara antes sobre o assunto. Infelizmente, a maioria das mulheres desse grupo tem uma relação consciente mínima com as suas vaginas. Senti-me terrivelmente sortuda por ter nascido na era feminista. Uma mulher de setenta e dois anos jamais tinha visto a sua vagina. Tocara-se algumas vezes debaixo do chuveiro, mas jamais consciente do que fazia. Jamais tivera um orgasmo. Procurou terapia aos setenta e dois anos. Com o incentivo

da terapeuta, voltou para casa uma tarde, acendeu algumas velas, botou uma música agradável no toca-fitas, tomou um banho e descobriu sua vagina. Ela informou que levou uma hora para atingir o orgasmo por ser artrítica na ocasião. Disse ter chorado ao descobrir o clitóris. Este monólogo é para ela, uma senhora judia com sotaque do bairro de Queens, em Nova York.



A TORRENTE



Judia, sotaque de Queens



Lá embaixo? Não vou lá desde 1953. Não, não tem nada a ver com Eisenhower. Não, aquilo lá embaixo é um porão. É tudo muito úmido e confuso. Ninguém gosta de ir lá embaixo, pode acreditar em mim. Você fica doente. É sufocante, nauseante. O cheiro da pegajosidade, do mofo, de tudo! Puxa, o cheiro é insuportável. Fica grudado nas roupas.

Não, não houve acidente nenhum lá embaixo. Não explodiu, pegou fogo, nem nada. Não foi tão dramático. Acho que... bem, deixa pra lá. Não. Não se incomode. Não posso falar sobre isso. Por que

uma moça inteligente como você anda por aí falando com velhinhas sobre o que elas têm lá embaixo? Nós não fazíamos esse tipo de coisa quando éramos moças. O quê? Meu Deus do céu, está bem.

Havia um rapaz, Andy Leftkov. Ele era bonito... bem..., pelo menos eu achava. Era alto como eu, e eu gostava dele de verdade. Ele marcou um encontro comigo e me convidou para passear em seu carro...

Isso eu não posso lhe dizer. Não posso falar sobre as minhas partes lá debaixo. Você sabe que elas estão lá e pronto! É como o porão. Às vezes, há alguns ruídos por lá. Você pode ouvir a tubulação e coisas sendo apanhadas no porão. Pequenos animais e outras coisas. As vezes o porão fica molhado e temos que chamar alguém para interromper o vazamento. Na maioria do tempo, porém, a porta fica trancada. Você até esquece do porão. É uma parte da casa, mas você não a vê. Nem pensa nela. Deve estar lá, porque cada casa precisa de um porão. Caso contrário, o quarto de dormir ficaria no subsolo.

Oh, Andy, Andy Leftkov. Está bem. Andy era muito bonito. Era um estouro, mesmo. Era assim que nós falávamos naquele tempo. Nós estávamos em seu carro, um Chevrolet BelAir branco, novinho. Lembro que, na hora, pensei que minhas pernas eram longas

demais para aquele assento. Eu tenho pernas longas. Elas batiam contra o painel. Eu estava olhando para as enormes rótulas dos meus joelhos quando ele me deu um beijo de surpresa. Um desses beijos que se vêem no cinema e que o mocinho controla a ação. E eu fiquei excitada, meu Deus, como eu fiquei excitada. Senti uma torrente lá embaixo. Não pude controlar. Era como se fosse a força da paixão aquele rio de vida que saía dentro de mim, atravessava as minhas calcinhas e molhava o assento do seu Chevy branco e novinho. Não era pipi, mas cheirava... aliás, para dizer a verdade, eu não senti cheiro algum, mas ele disse que cheirava. Andy disse que cheirava a leite azedo e que estava manchando o assento do seu carro. Ele disse que eu era uma garota esquisita e fedorenta. Eu queria explicar que seu beijo me pegara desprevenida; que normalmente eu não era daquele jeito. Tentei enxugar a torrente com meu vestido. Era um vestido novo, amarelo e primaveril, e ele ficou tão feio manchado pela torrente que saíra de mim. Andy me levou para casa e não disse mais nenhuma palavra. Quando saí do carro e fechei a porta, fechei também todo o estabelecimento lá embaixo. Tranquei mesmo e nunca mais o abri novamente. Encontrei-me com alguns rapazes depois disso, mas o medo

da torneira debaixo se abrir me deixava nervosa demais. Nunca mais cheguei perto do porão.

Eu costumava sonhar uns sonhos loucos. Ah, como eram bobos esses sonhos. O quê? Burt Reynolds. Não sei por quê. Nunca pensei nele acordada, mas nos meus sonhos... era sempre o Burt. Era sempre o mesmo sonho. Nós saíamos. Burt e eu. Íamos para um restaurante como aqueles que se vê em Atlantic City. Era grande, com candelabros, coisas elegantes e milhares de garçons perfeitamente trajados. Burt me dava um pequeno buquê de orquídeas. Eu o prendia na lapela do meu blazer. Nós ríamos e comíamos coquetel de camarão. Camarões enormes, fabulosos mesmo. Dávamos verdadeiras gargalhadas, pois estávamos muito felizes juntos. Então ele olhava dentro dos meus olhos e me puxava até ele, bem no meio do restaurante. Quando ele estava para me beijar, o aposento começava a tremer, pombos saíam voando debaixo da nossa mesa — não sei o que aqueles pombos estavam fazendo lá — e a torrente começava a jorrar para fora de mim. E jorrava e jorrava. Na torrente havia peixes e pequenos botes, e o restaurante se enchia com meus fluidos. Burt parava na minha frente, água até as canelas, e olhava para mim desapontado. Eu tinha feito de novo. Enquanto ele

olhava horrorizado para mim, seus amigos Dean Martin e outros astros e estrelas da mesma turma passavam nadando por nós, em seus trajes de gala.

Não tenho mais esses sonhos. Não desde que tiraram de dentro de mim tudo que tinha conexão com lá embaixo. Removeram meu útero, os tubos, a coisa toda. O médico achava que estava sendo engraçado. Ele me disse: "O que não se usa se desparafusa." Mas, como eu descobri depois, era câncer. Tudo teve de ser removido. De qualquer maneira quem precisa daquilo? Certo? Uma coisa supervalorizada demais. Fiz outras coisas. Adoro exposições de cães, adoro vender antigüidades.

O que ela usaria? Mas que tipo de pergunta é essa? O que ela usaria? Usaria um enorme cartaz dizendo: "Fechado por causa da enchente."

O que ela diria? Já falei. A coisa não é bem assim. Não é como uma pessoa que fala. Parou de ser uma criatura que fala há muito tempo. E um lugar onde você não vai. Está fechado, debaixo da casa. Está lá embaixo. Está satisfeita agora? Você me fez falar. Você me arrancou confissões. Você fez uma velha senhora falar sobre lá embaixo. Está se sentindo melhor agora?

(Ela dá as costas para mim e depois se vira.)

Você sabe? Na verdade, você é a primeira pessoa com quem falo sobre isso e me sinto um pouco melhor.

VAGINA: FATO

Durante o julgamento das feiticeiras em 1593, o advogado investigador (um homem casado) descobriu um clitóris pela primeira vez. Ele o identificou como a teta do diabo, prova evidente da culpa da bruxa. Tratava-se de "um pequeno pedaço de carne que saía para fora do resto como se já fora uma teta de um centímetro e meio de comprimento".

O advogado, "percebendo à primeira vista que não deveria tocá-lo, pois estava ligado a um lugar tão secreto que não seria decente olhá-lo", decidiu, no final, "não querendo esconder matéria tão estranha",

mostrá-la a várias pessoas presentes no local. Essas pessoas também jamais tinham visto algo como aquilo. A feiticeira foi condenada.

— *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*



*Entrevistei muitas mulheres sobre menstruação.
Começou a ocorrer uma espécie de coral; uma espécie de selvagem canto coletivo. As mulheres faziam eco umas às outras. Deixei que as vozes sangrassem umas dentro das outras. Me perdi no sangramento.*

**EU TINHA DOZE ANOS.
MINHA MÃE ME DEU
UM TAPA**

Segundo grau. Meu irmão de sete anos falava sobre períodos. Não *gostei do modo como* ele ria.

Fui até minha mãe e perguntei:

— O que é um período?

— É pontuação — ela respondeu. — Você o coloca no fim da frase.

Meu pai trouxe uma caixa para mim. Nela estava escrito: "Para a minha menininha que já não é mais tão menininha assim."

Fiquei aterrorizada. Minha mãe me mostrou aqueles guardanapos grossos. Deveria depositar os usados na lata debaixo da pia da cozinha.

Lembro que fui uma das últimas. Tinha treze anos.

Nós todas queríamos que chegasse logo.

Eu tinha tanto medo. Comecei a botar os tanvões usados dentro de sacolas de papel marrom, que escondia em lugares escuros debaixo do telhado.

Oitava série. Minha mãe disse:

— Oh, que bonitinho!

Pingos marrons antes da chegada. Coincidiram com pêlos nas axilas. Uma axila tinha pêlos, a outra não.

Eu tinha dezesseis anos e sentia uma espécie de medo. Minha mãe me deu codeína. Dormíamos em camas-beliche. Me deitei na cama de baixo. Minha mãe estava sem jeito.

Uma noite, voltei para casa mais tarde e me meti na cama sem acender as luzes. Minha mãe achara os tampões usados e os colocara entre os meus lençóis.

Eu tinha doze anos e ainda estava de calcinhas. Não havia me vestido ainda. Olhei para baixo na escada. Lá estava.

Olhei para baixo e vi sangue.

Sétima série. Minha mãe notou minhas calcinhas. Me deu fraldas de plástico.



Minha mãe foi muito sensível.

— Vamos arranjar um absorvente para você.

Na casa da minha amiga Márcia, houve uma celebração. Fizeram um jantar em sua homenagem.

Nós todas queríamos o nosso período.

Nós todas queríamos nosso período já.

Treze anos. Foi antes do Kotex. Precisava tomar cuidado com o meu vestido. Eu era negra e pobre. Sangue na parte de trás do meu vestido, durante a missa. Ninguém viu, mas me senti culpada.

Eu tinha dez anos. Nenhuma preparação. Um líquido marrom nas calcinhas.

Ela me mostrou como usar um tampão. Só consegui enfiar a metade.

Associei meu período a um fenômeno inexplicável.

Minha mãe mandou que eu usasse um pano. Não, nada de tampões. Você não podia botar nada no seu docinho.

— Use chumaços de algodão — disse a minha mãe, que me comprava bonecas com a cara da Elizabeth Taylor.

Quinze anos. Minha mãe disse:

— *Mazel tov!* — Me deu um tapa no rosto. Eu não sabia se aquilo era uma coisa boa ou má.

Meu período parecia mistura de bolo antes de ir para o forno. As índias ficam sentadas sobre musgo durante cinco dias. Eu gostaria de ser uma nativa americana.

Eu tinha quinze e torcia para que ele viesse. Era alta e continuava crescendo.

Quando via garotas brancas na escola com absorventes, eu pensava que elas eram meninas más.

Vi gotas vermelhas nos ladrilhos cor-de-rosa. Disse: "Chegou."

Minha mãe ficou contente por minha causa.

Usei OB e gostei de botar os dedos lá no fundo.

Onze anos e usava calcinhas brancas. O sangue começou a sair de dentro de mim.

Achei horrível!

Não estou preparada.

Fiquei com dores nas costas.

Fiquei com tesão.

Doze anos. Minha amiga tinha uma Ouija, uma tábua com o alfabeto e outros símbolos para receber mensagens mediúnicas. Ela perguntou quando teríamos os nossos períodos. Olhei para baixo e vi sangue nas calcinhas.

Olhei para baixo e lá estava ele.

Sou uma mulher!

Horrorizada!

Nunca pensei que ele chegaria.

Mudou todos os meus sentimentos em relação a mim mesma. Fiquei mais calada e madura. Uma boa mulher vietnamita, trabalhadora e virtuosa, nunca fala.

Nove anos e meio. Estava certa de que sangraria até morrer. Tirei as calcinhas e as joguei num canto. Não queria preocupar meus pais.

Minha mãe me deu vinho com água quente e eu adormeci.

Eu estava no meu quarto no apartamento da minha mãe. Eu tinha uma coleção de gibis. Minha mãe me disse: "Você não deve levantar sua caixa de gibis."

Minhas amigas me disseram que a gente tem uma hemorragia por mês.

Minha mãe vivia entrando e saindo de hospitais para doentes mentais. Ela não agüentava a idéia de que eu estava crescendo.

"Cara senhorita Carling, por favor libere a minha filha do jogo de basquete. Ela acaba de amadurecer."

Na colônia de férias me disseram para não tomar banho quando tivesse meu período. Encheram-me de anti-sépticos.

Gente medrosa pode cheirar a período. Gente medrosa me disse que eu cheiro como um peixe.

Comecei a vomitar. Não conseguia comer.

Fiquei com fome.

Às vezes o vermelho é bem intenso.

Gosto das gotas que caem na toailete. É como uma pintura.

As vezes é marrom e isso me deixa nervosa.

Eu tinha doze. Minha mãe me deu um tapa e me trouxe uma blusa de algodão vermelha. Meu pai saiu e foi beber uma garrafa de sangria.



Durante o curso das minhas entrevistas, conheci nove mulheres que tiveram o primeiro orgasmo exatamente no mesmo lugar. Eram mulheres que estavam chegando aos quarenta anos e algumas já haviam passado dos quarenta. Todas haviam participado, em épocas diversas, de um dos grupos dirigidos por uma mulher corajosa e extraordinária, Betty Dodson. Já há vinte e cinco anos que Betty vem ajudando mulheres a localizar, amar e masturbar suas vaginas. Ela tem dirigido grupos e trabalhado individualmente com mulheres. Ela tem ajudado milhares de mulheres a requisitar seus centros. A parte que se segue é para ela.

**A
O F I C I N A
D A V A G I N A**

[Um leve sotaque inglês]

Minha vagina é uma concha. Uma concha redonda, tenra e cor-de-rosa, que se abre e fecha, que se abre e fecha. Minha vagina é uma flor, uma tulipa excêntrica. O centro é agudo e profundo, o aroma delicado, as pétalas gentis mas vigorosas.

Nem sempre soube disso. Aprendi na Oficina da Vagina (Vagina Workshop). Quem me ensinou foi uma mulher que dirige a Oficina da Vagina, uma mulher que acredita em vaginas, que realmente vê vaginas, que ajuda mulheres a verem suas próprias vaginas vendo as vaginas de outras mulheres.

Na primeira sessão, a mulher que dirige a Oficina da Vagina pediu-nos que fizéssemos um desenho da nossa "única, bela e fabulosa vagina". Era assim que ela chamava a vagina. Ela queria saber como imaginávamos nossas únicas, belas e fabulosas vaginas. Uma mulher que estava grávida desenhou uma boca enorme, vermelha, que gritava enquanto saíam moedas de dentro dela. Uma outra mulher, muito magra, desenhou uma enorme bandeja estilo Devonshire. Eu desenhei um imenso ponto negro com pequenas linhas delicadas à sua volta. O ponto negro era como um buraco negro no espaço e as linhas significavam pessoas, coisas ou átomos básicos que se perderam por ali. Sempre imaginara minha vagina como um aspirador anatômico que sugava, ao acaso, partículas e objetos do ambiente à sua volta.

Sempre vi minha vagina como uma entidade independente, girando como uma estrela em sua própria galáxia. Eventualmente, ela se queimaria em sua própria energia gasosa ou explodiria em milhares de outras vaginas menores, todas elas rodando em suas próprias galáxias.

Não pensava na minha vagina em termos biológicos e práticos. Eu não a via, por exemplo, como parte do meu corpo, alguma coisa entre as minhas pernas, ligada a mim.

Na oficina nos pediram para olharmos as nossas vaginas com um espelho de mão. Só então, depois de cuidadoso exame, deveríamos informar ao grupo o que víamos. Devo dizer a vocês que, até aquele momento, tudo o que eu sabia sobre a minha vagina ou era invenção ou era de "ouvir falar". Eu nunca havia visto a coisa. Nunca me ocorreu olhar para ela. Para mim, minha vagina existia apenas numa espécie de plano abstrato. Parecia uma coisa pequena, esquisita de olhar para ela do modo como fazíamos na oficina, deitadas em nossos brilhantes colchões azuis, espelho na mão. Fiquei imaginando, por analogia, como os primeiros astrônomos devem ter se sentido com seus primitivos telescópios.

A princípio, minha vagina me pareceu bastante desordenada. Como da primeira vez que se vê abrir um peixe para descobrir, dentro dele, logo após a pele, um mundo complexo e sangrento. Ela era tão crua, tão vermelha, tão fresca. E o que mais me surpreendeu foram todas aquelas camadas. Camadas dentro de camadas, abrindo-se para mais camadas. Minha vagina pareceu-me um evento místico que desdobra continuamente outro aspecto de si mesmo, o que é um evento em si mesmo, mas que só reconhecemos como tal depois de ele ter ocorrido.

Minha vagina me maravilhou tanto que, na hora de fazer a minha exposição, não consegui falar. Simplesmente me faltavam palavras. Eu havia despertado para o que a mulher que dirigia os trabalhos chamava de "Espanto Vaginal". Eu simplesmente queria continuar deitada ali sobre o meu colchão, examinando a minha vagina para sempre.

Ela era melhor do que o Grand Canyon, antiga e cheia de graça. Tinha a inocência e o frescor de um genuíno jardim inglês. Era engraçado, muito engraçado. Ela me fez rir. Ela podia se esconder e procurar, podia se abrir e fechar. Era uma boca. Era a manhã. Então, de repente, me ocorreu de que era *eu*, minha vagina. Era o que eu era. Não era uma entidade; estava dentro de mim.

A mulher que dirigia os trabalhos perguntou quantas de nós já havíamos tido orgasmos. Duas mulheres levantaram as mãos relutantemente. Eu não levantei a minha, embora houvesse tido orgasmos. Não levantei a mão porque os orgasmos que sentira haviam sido acidentais. Aconteceram *para* mim. Aconteceram em meus sonhos, dos quais eu despertaria em pleno esplendor. Muitos aconteceram em contato com a água, principalmente na banheira. Uma vez ocorreu em Cabo Cod. Aconteceram tam-

bém sobre cavalos, sobre bicicletas, na academia de ginástica. Não levantei a mão porque, embora houvesse sentido os orgasmos, não sabia como fazê-los acontecer. Nunca tentara ter um orgasmo propositalmente. Achava que se tratava de um fenômeno místico, mágico. Não queria interferir. Envolver-me parecia, aos meus olhos, uma coisa errada, planejada, manipulada. Parecia coisa de Hollywood; orgasmo através de fórmulas. Os elementos surpresa e mistério desapareceriam. O problema, é claro, é que a surpresa já desaparecera há dois anos. Não tivera um orgasmo mágico e acidental por muito tempo e me sentia frenética. Por isso eu estava na oficina.

Então chegou o momento pelo qual, em segredo, eu temia e ansiava. A mulher que dirigia a oficina pediu que pegássemos novamente os nossos espelhos e tentássemos localizar o clitóris. E lá estávamos nós, o grupo de mulheres deitadas sobre os nossos colchões, procurando nossos pontos, nossos *locus*, nossa razão e, não sei por quê, comecei a chorar. Talvez fosse por puro constrangimento. Talvez fosse pelo fato de eu saber que tinha de abrir mão da fantasia da minha vida; a fantasia de que alguém ou alguma coisa faria aquilo por mim — a fantasia de que alguém viria para conduzir a minha vida, para

decidir sobre que direção tomar, para me proporcionar orgasmos. Secretamente, eu estava acostumada a viver de um modo mágico e supersticioso. Esse negócio de tentar descobrir o clitóris, aquele excêntrico laboratório, aqueles brilhantes colchões azuis, tudo aquilo tornava a coisa real, real demais. Pude sentir o pânico me invadir. O terror e a simultânea consciência de que passara a vida evitando encontrar o meu clitóris, de que o racionalizara como moda e consumo, por uma única razão. A verdade é que eu sempre estivera aterrorizada com a possibilidade de não ter um clitóris; morria de medo de ser uma dessas mulheres de constituição fraca, uma dessas mulheres frias, mortas, paralisadas, secas, gosto de abricó, amargas — oh, meu Deus!

Fiquei ali deitada com o meu espelho, olhando para o meu ponto, alcançando-o com meus dedos e tudo o que eu conseguia pensar era num fato que ocorrera quando eu tinha dez anos e deixara cair num lago o meu anel de esmeraldas. Pensava nas inúmeras vezes que mergulhei naquele lago até o fundo para ver se o encontrava; minhas mãos passavam por pedras e peixes, tampas de garrafa e limo, mas nada do anel. O pânico que senti na ocasião! Sabia que seria punida; não deveria usá-lo quando fosse nadar.

A mulher que dirigia os trabalhos ouviu meus murmúrios insanos; me viu suar e respirar pesadamente. Ela veio até onde eu estava deitada e eu lhe disse:

— Perdi meu clitóris. Ele se foi. Eu não deveria usá-lo para nadar.

A mulher que dirigia a oficina deu uma gargalhada. Depois, com muita calma, passou sua mão na minha testa. Disse-me que meu clitóris não era uma coisa que eu podia perder. Ele era eu, a minha essência. Era, ao mesmo tempo, a campainha da minha casa e era a minha casa. Eu não precisava *achá-lo*. Eu tinha de *ser* ele. Ser ele. Ser minha vagina. Ser minha vagina. Deitei-me novamente sobre minhas costas e fechei os olhos. Posicionei o espelho lá embaixo. Me vi flutuando sobre mim mesma. Observei enquanto vagorosamente me reaproximava de mim mesma e reentrava em mim mesma. Senti-me como um astronauta retornando à atmosfera da terra. A reentrada foi muito calma; calma e suave. Eu freava e aterrissava, freava e aterrissava. Entrei em meus próprios músculos, sangue e células, e então, simplesmente, deslizei para dentro da minha vagina. De repente, tudo ficou fácil; tudo se encaixava. Eu me sentia calorosa, pulsante, preparada, jovem e viva. E então,

sem olhar, meus olhos ainda fechados, pus meu dedo no que subitamente havia se transformado em mim. No princípio, senti um pequeno tremor que me incentivava a ficar. Então, o tremor se transformou num terremoto, numa erupção; as camadas se dividindo e se subdividindo. O terremoto acabou por revelar um antigo horizonte de luz e silêncio que por sua vez revelou um plano de música e cores, de inocência e anseio, e senti a conexão deitada sobre o meu colchão azul.

Minha vagina é uma concha, uma tulipa e um destino. Estou chegando no momento em que começo a partir. Minha vagina, minha vagina, eu.



Em 1993, eu descia uma rua de Manhattan quando, ao passar por uma banca de jornais, fui golpeada por uma foto profundamente perturbadora na primeira página do Newsday. Era o retrato de seis jovens mulheres que haviam acabado de retornar de um campo de concentração na Bósnia, onde tinham sido estupradas. Suas faces revelavam choque e desespero. O mais perturbador, entretanto, é que elas evidenciavam que alguma coisa doce, alguma coisa pura havia sido destruída para sempre em cada uma daquelas vidas. Continuei a ler. Dentro do jornal havia outra foto das mesmas mulheres, já reunidas às respectivas mães, em semi-

círculo dentro de um ginásio esportivo. Eram muitas mulheres, mães e filhas, mas nenhuma foi capaz de olhar diretamente para a câmera.

Eu soube na hora que tinha de ir para lá. Tinha de encontrar essas mulheres. Em 1994, graças ao apoio de um anjo, Lauren Lloyd, passei dois meses na Croácia e no Paquistão, entrevistando mulheres bósnias refugiadas. Entrevistei essas mulheres e as acompanhei em campos, cafés e centros para refugiadas. Desde então, já retornei duas vezes à Bósnia.

Quando voltei a Nova York depois da minha primeira viagem, estava em estado de total indignação. Entre vinte mil e setenta mil mulheres haviam sido estupradas em plena Europa, em 1993, como sistemática estratégia de guerra, e ninguém fazia nada para acabar com esse estado de coisas. Eu não podia entender aquilo. Uma amiga perguntou-me por que eu estava tão espantada. Ela me disse que cerca de 500 mil mulheres eram violentadas todos os anos nos Estados Unidos e, pelo menos em teoria, não estávamos em guerra.

O próximo monólogo é baseado na história de uma mulher. Quero agradecer-lhe por tê-la contado para mim. Admiro sua força e seu espírito, assim como admiro todas as mulheres que encontrei e que sobreviveram às terríveis atrocidades na ex-Iugoslávia. Essa parte é dedicada às mulheres da Bósnia.

**MINHA VAGINA ERA A
MINHA ALDEIA**

Minha vagina era verde, rios delicados, campos cor-de-rosa, vacas mugindo, sol descansando, doce namorado passando levemente um macio pedaço de palha.

Há alguma coisa entre as minhas pernas. Não sei o que é. Não sei onde está. Eu não toco. Não agora. Não mais. Não desde.

Minha vagina era muito animada, não podia esperar. Tantas palavras para dizer, tantas palavras para pronunciar. Tentava sempre. Não podia parar de dizer oh sim, oh sim.

Não, desde que sonhei que haviam costurado um animal morto lá embaixo; que o haviam costurado com uma grossa linha preta de pescar. E o cheiro ruim de animal morto não pode ser removido. Sua garganta foi cortada e sangra através de todas as minhas roupas de verão.

Minha vagina cantando todas as canções para meninas, todas as canções acompanhadas pelos sinos das cabras, todas as canções campestres do selvagem outono, canções de vagina, canções do lar da vagina.

Não, desde que os soldados enfiaram um longo rifle dentro de mim. Tão frio o cano de aço, abatendo meu coração. Não sei se dispararão o rifle ou atravessarão meu cérebro com ele. Seis deles, médicos monstruosos, usando máscaras negras e enfiando garrafas dentro de mim. Havia varas e um cabo de vassoura.

Minha vagina, rio onde se nada, água limpa e cristalina espirrando contra pedras que se banham ao sol, continuamente.

Não desde que ouvi a pele se rasgando, produzindo sons uivantes, penetrantes; não, desde que um pedaço de minha vagina apareceu em minha mão; uma parte do lábio. Hoje, só tenho um dos lábios.

Minha vagina, vila viva banhada pela água.
Minha vagina, minha aldeia.

Não, desde que faziam turnos de sete dias cheirando a fezes e carne defumada; deixando seu sujo esperma dentro de mim. Tornei-me um rio de veneno e pus; a colheita morreu e os peixes também.

Minha vagina, vila viva banhada pela água.

Eles a invadiram, chacinaram e queimaram.

Não a toco mais.

Não a visito.

Agora, moro em outro lugar

que não sei onde é.

VAGINA: FATO

No século dezenove, as meninas que aprenderam a atingir o orgasmo através da masturbação eram consideradas casos médicos. Muitas vezes eram "tratadas" ou "corrigidas" através da amputação ou cauterização do clitóris. Outras meninas eram obrigadas a usar miniaturas de cintos de castidade quando não costuravam seus lábios vaginais para evitar que pudessem alcançar o clitóris. Para não falar da castração pura e simples através da remoção dos ovários. Por outro lado, não há um só registro em toda a literatura médica de amputação

de pênis ou remoção de testículos a fim de acabar com a masturbação entre meninos.

Nos Estados Unidos, a última cliterodectomia registrada para a "cura" da masturbação ocorreu em 1948, e foi executada numa garotinha de cinco anos.

— *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*

VAGINA: FATO

Entre 80 e 100 milhões de meninas e mulheres jovens já sofreram mutilação genital. Em países onde ela ocorre — principalmente na África — todos os anos, cerca de 2 milhões de jovens podem esperar a faca — ou a navalha ou um pedaço de vidro — para cortar seus clitóris ou removê-los completamente. Em outros casos, os grandes lábios são costurados com categute ou espinhos.

Freqüentemente essas operações são suavizadas e classificadas como "circuncisões". O especialista africano Nahid Toubia explicou as coisas francamen-

te: "Essa 'circuncisão' feminina num homem equivaleria à amputação da maior parte do pênis e, em outros casos, à 'remoção total do pênis, suas raízes de tecido macio e parte da pele escrotal'."

A curto prazo, o resultado incluí tétano, septicemia, hemorragias, cortes na uretra, na bexiga, nas paredes vaginais e no esfíncter. A longo prazo: infecção uterina crônica, cicatrizes que podem dificultar o andar durante toda a vida, formação de fístulas, terrível agonia durante o parto sempre perigoso, morte prematura.

— *The New York Times*, 12 de abril de 1996



Nos últimos dez anos tenho estado intensamente envolvida com mulheres que não têm um teto; gente que nos Estados Unidos é chamada de "Homeless People", um modo de categorizá-la e esquecê-la. Tenho feito todo tipo de atividade com essas mulheres que se tornaram minhas amigas. Dirijo grupos de recuperação para mulheres que foram violentadas ou obrigadas a praticar incesto. Dirijo ainda grupos de recuperação para viciadas em álcool e drogas. Vou ao cinema com elas, faço refeições com elas, passeio com elas. Durante os últimos dez anos entrevistei centenas de mulheres. Durante todo esse tempo encontrei apenas duas que não

havam sido submetidas a incesto quando meninas ou violentadas quando jovens. Desenvolvi uma teoria de que, para a maioria dessas mulheres, "lar" é um lugar muito amedrontador; um lugar de onde fugiram. Os abrigos em que as encontrei foram os primeiros lugares onde muitas delas encontraram segurança, proteção ou conforto na comunidade de outras mulheres.

O monólogo que se seguirá é a história de uma mulher conforme ela me relatou. Conheci-a cerca de cinco anos atrás num abrigo. Gostaria de poder lhes dizer que se trata de uma história incomum, brutal e extrema. Mas não é. Na verdade, está longe de ser tão perturbadora como outras histórias que ouvi desde então. As mulheres pobres sofrem terríveis violências sexuais que dificilmente são registradas oficialmente. Em decorrência de sua classe social, essas mulheres não têm acesso à terapia ou a outros métodos de cura. O abuso contínuo destrói a sua auto-estima e as conduz às drogas, à prostituição, AIDS e, em muitos casos, à morte. Felizmente, esta história, em particular, tem um final diverso. Essa mulher conheceu outra mulher e ambas se apaixonaram. Graças a esse amor conseguiram sair do sistema de abrigos e hoje vivem juntas uma vida maravilhosa. Escrevi este texto para elas; para seus espíritos extraordinários; para as mulheres que não vemos, que sofrem e necessitam de nós.

**A P E Q U E N A
C O O C H I S N O R C H E R
Q U E P O D I A**

[Mulher sulista de cor]

Lembrança: Dezembro de 1965; Cinco Anos de Idade

A voz de minha mãe me mete um medo de morrer. Ameaçadora, ela me diz aos gritos para eu parar de cocar a minha *coochi snorcher*. Fico aterrorizada por ter me tocado lá embaixo. Não vou me tocar de novo nem mesmo no banho. Tenho medo que entre tanta água dentro da minha *coochi snorcher* e eu acabe explodindo. Botei bandeide sobre minha *coochi snorcher* para cobrir o buraco, mas, na água, ele sai. Começo a imaginar alguma coisa, a tampa da banheira, para botar no buraco e impedir a entrada do que quer que

seja. Eu durmo com três camadas de algodão entre as pernas, debaixo do meu pijama. Ainda quero me tocar, mas não me toco.

Lembrança: Sete Anos de Idade.

Edgar Montane, que tem dez anos, fica com raiva de mim e me dá um soco com toda a força entre as minhas pernas. Parece que ele me quebrou toda. Vou capengando até em casa. Não posso fazer pipi. Minha mãe pergunta o que há de errado com a minha *coochi snorcher*. Digo a ela o que Edgar fez. Ela começa a berrar comigo e berra o dia inteiro, dizendo para eu nunca mais deixar ninguém me tocar lá embaixo. Tento explicar que ele não tocou minha *coochi snorcher*, mamãe, ele deu um soco nela.

Lembrança: Nove Anos de Idade.

Brinco na cama. Dou pulos, salto e caio. E empalo a minha *coochi snorcher* numa das pontas do balaústre ao pé da cama. Eu grito de dor, e esses gritos vêm diretamente da boca da minha *coochi snorcher*. Me levam para o hospital, onde os médicos costuram a parte que se rasgou lá embaixo.

Lembrança: Dez Anos de Idade.

Estou na casa de meu pai e ele está dando uma festa no andar de cima. Todos estão bebendo, e eu estou brincando sozinha no térreo. Estou experimentando meu novo sutiã de algodão, que a namorada do meu pai me deu de presente. De repente, o melhor amigo do meu pai, um homem enorme chamado Alfred, aparece atrás de mim, abaixa as minhas calcinhas e enfia seu pênis imenso e duro dentro da minha *coochi snorcher*. Eu grito, dou pontapés, tento afastá-lo de mim. Mas como? Ele já está com a sua coisa dentro de mim. De repente, meu pai está lá de revólver na mão. De repente, um barulho alto e horrível. De repente, há sangue por todos os lados. Alfred e eu. Muito sangue. Estou certa de que a minha *coochi snorcher*, finalmente, caiu. Alfred está paralisado de medo. Minha mãe não deixa meu pai me ver por sete anos.

Memória: Doze Anos de Idade.

Minha *coochi snorcher* é um lugar muito ruim; um lugar de dor, malvadezas, socos, invasão e sangue. Uma visão para infortúnios. Uma zona que dá azar. Imagino uma auto-estrada entre as minhas pernas e, menina, eu viajo para longe daqui.

Lembrança: Treze Anos de Idade.

Tem uma linda mulher de 24 anos na nossa vizinhança e eu fico olhando para ela o tempo todo. Um dia, ela me convida para entrar em seu carro. Ela me pergunta se eu gosto de beijar garotos e eu lhe digo que não gosto. Então, ela me diz que quer me mostrar uma coisa. Ela se inclina sobre mim, me dá um beijo muito suave nos lábios e enfia a língua na minha boca. Que coisa! Ela me pergunta se quero ir para a casa dela. Então, ela me beija de novo e me diz para relaxar, para sentir, para deixar que nossas línguas sintam. Ela pergunta para a minha mãe se posso passar a noite na casa dela. Minha mãe fica muito contente porque uma mulher tão bonita e de tanto sucesso se interessa por mim. Estou com medo, mas ansiosa. Seu apartamento é fantástico. Ela o decorou muito bem. Estamos nos anos setenta: os colares de contas, as almofadas macias, as luzes indiretas. Decido que quero ser uma secretária como ela quando crescer. Ela prepara uma vodca para ela e pergunta o que quero beber. Digo que quero beber o mesmo que ela e ela diz que acha que a minha mãe não gostaria que eu bebesse vodca. Eu digo que ela provavelmente não gostaria que eu beijasse meninas, e a bela mulher faz um drinque para mim também. Ela tira a

roupa e põe um robe de cetim, cor de chocolate. Ela é tão bonita. Eu sempre pensara que lésbicas fossem feias.

— Você está tão linda — eu digo. E ela:

— Você também. — E eu:

— Mas eu só tenho este sutiã de algodão e as minhas calcinhas.

Então ela me veste bem devagar com um outro robe de cetim. Tem cheiro de lavanda, como os primeiros dias de primavera. O álcool me sobe à cabeça. Estou solta e pronta. Sobre a cama dela há um quadro de uma mulher negra nua, usando um enorme penteado afro. Devagar e gentilmente, ela me deita na cama e deita-se ao meu lado. O simples roçar de nossos corpos me faz gozar. Então, ela faz tudo para mim e para a minha *coochi snorker*, que eu sempre julguei que fosse malvada, e agora, oba! Estou tão quente, tão selvagem. Ela diz:

— Sua vagina, intocada por homem algum, tem um cheiro tão bom, tão fresco! Gostaria de poder mantê-la assim para sempre.

Fico louca e então o telefone toca e, é claro, é a minha mãe. Tenho certeza de que ela sabe; ela sempre sabe tudo sobre mim. Estou respirando pesadamente, mas tento agir com naturalidade ao telefone.

Ela pergunta:

— O que há de errado com você? Você andou correndo?

Eu digo:

— Não, mamãe. Estive fazendo exercícios.

Então ela diz à bela secretária para não me deixar perto dos rapazes. E a secretária diz para ela:

— Pode confiar em mim. Não há nenhum rapaz por aqui.

Depois disso, a mulher maravilhosa me ensina tudo sobre a minha *coochi snorcher*. Ela faz eu brincar com a *coochi snorcher* na frente dela e me ensina todos os modos diversos de ter prazer comigo mesma. Ela é muito meticulosa. Me diz que devo saber como proporcionar prazer a mim mesma para nunca precisar de um homem. Acordo na manhã seguinte com medo de ter virado um sapatão porque estou tão apaixonada por ela. Ela ri, mas nunca mais a vi novamente. Hoje em dia, as pessoas dizem que o que ela fez comigo foi uma espécie de estupro. Eu só tinha treze anos, e ela vinte e quatro. Bem, eu digo, se foi estupro, foi um bom estupro; um estupro que transformou minha *coochi snorcher*, que era um inferno, num paraíso.



—*A vagina tem cheiro de quê?*

Terra.

Lixo molhado.

Deus.

Água.

Manhã novinha em folha.

Profundidade.

Gengibre doce.

Suor.

Depende.

Almíscar.



-

V

De mim.
Sem cheiro, me disseram.

Abacaxi.

E

Essência de cálice.

Paloma Picasso.

Cravo e canela.

Rosas.

R

Floresta de jasmim almiscarado, profunda, profunda floresta.

Umidade de musgo.

Doce delicioso.

Oceano Pacífico.

Alguma coisa entre peixe e lírios.

Pêssegos.

Bosques.

Fruto maduro.

Chá de kiwi-morango.

Peixe.

Céu.

Vinagre e água.

Luz, licor doce.

Queijo.

Oceano.

Sexy.

Esponja.

O princípio.





Já viajei com essa peça por todos os Estados Unidos (e agora, o mundo) por mais de três anos. Estou ameaçando criar um mapa com todas as cidades amigas da vagina que visitei. São muitas hoje em dia. Houve muitas surpresas. A cidade de Oklahoma me surpreendeu. Eram loucos por vaginas. Pittsburgh me surpreendeu. Amam vaginas em Pittsburgh. Já estive lá três vezes. Onde quer que eu vá, depois do show, as mulheres vêm me contar suas histórias, fazer sugestões, comunicar suas reações. Essa é a parte favorita do meu trabalho: ouvir histórias verdadeiramente impressionantes. Elas me são contadas de modo tão simples,

tão casual. Demonstram como são extraordinárias as vidas das mulheres; como são profundas. Demonstram também o quão isoladas as mulheres permanecem e como são frequentemente oprimidas no seu isolamento. Se contaram sobre seus sofrimentos e confusão, foi a pouquíssimas pessoas. Quanta vergonha rodeia isso tudo. Como é crucial para as mulheres contar suas histórias, dividi-las com outras pessoas; como a nossa sobrevivência, como mulheres, depende desse diálogo.

Foi depois de apresentar minha peça na cidade de Nova York que ouvi a história de uma jovem mulher vietnamita. Contou-me que, aos cinco anos — recém-chegada aos Estados Unidos e incapaz de falar inglês — brincava com sua melhor amiga, quando caiu sobre um hidrante e cortou sua vagina. Incapaz de comunicar o que lhe ocorrera, ela simplesmente escondeu debaixo da cama as suas calcinhas manchadas de sangue. Sua mãe as encontrou e concluiu que ela havia sido violentada. Como a menina não sabia a palavra para hidrante, não conseguiu explicar aos pais o que realmente havia acontecido. Seus pais acusaram o melhor amigo do irmão dela de havê-la estuprado. Correram com a menina para o hospital, onde um grupo de homens permaneceu em volta da cama, olhos fixos na sua vagina exposta. Na volta para casa, notou que seu pai não olhava mais para ela. Aos seus olhos, ela se tornara uma

mulher usada, acabada. E ele realmente nunca mais olhou para ela.

Há também a história de uma jovem mulher de Oklahoma, que me abordou após o espetáculo, juntamente com sua madrasta, para me contar como ela havia nascido sem uma vagina, só se dando conta disso aos quatorze anos. Ela brincava com uma amiga e decidiram comparar os genitais. Foi quando ela descobriu que o seu era diferente; havia alguma coisa de errado. Ela foi ao ginecologista com o pai (sentia-se mais próxima a ele do que à mãe), e o médico descobriu que, de fato, ela não tinha vagina ou útero. Seu pai levou um choque, mas tentou reprimir as lágrimas afim de não deixá-la ainda mais infeliz. Na volta para casa, numa nobre tentativa para confortá-la, lhe disse:

— Não se preocupe, queridinha. Tudo vai sair bem; aliás, vai ser fantástico! Vamos lhe arranjar a melhor xotinha feita à mão dos Estados Unidos. Quando você conhecer seu marido, ele vai saber que foi feita especialmente para ele.

E eles arranjaram uma nova xotinha para ela. E ela relaxou e ficou feliz. Quando, dois dias depois de conversarmos, ela me apresentou seu pai, o amor que, pude sentir, havia entre eles, me derreteu toda.

Então, houve a noite em Pittsburgh, quando uma mulher plena de paixão veio correndo para me dizer que precisava falar comigo assim que fosse possível. Sua intensida-

ae me convenceu e eu telefonei para ela assim que cheguei a Nova York. Ela me disse que era fisioterapeuta e que precisava falar comigo sobre a textura da vagina. A textura era crucial e ela me disse que eu não entendera a textura. E durante uma hora ela falou tão detalhadamente, com uma clareza tão sensual, que quando acabou tive de me deitar. Durante a nossa conversa, ela também falou sobre a palavra cunt [boceta]. Eu dissera alguma coisa negativa sobre a palavra durante o meu show e ela me informou que eu não entendia nada sobre o vocábulo; que precisava me ajudar a reconsiderá-lo. Ela me falou por mais meia hora sobre a palavra cunt e, quando acabou, havia me convertido. Escrevi o que se segue para ela.

**PERGUNTEI A UMA
MENINA DE SEIS ANOS:**

— *Se sua vagina se vestisse, o que usaria?*

— Sapatos vermelhos de salto alto e um boné dos *Mets* virado para trás.

— *Se ela pudesse falar, o que diria?*

— Diria palavras que começam com "V" e com "T" — violino e tartaruga, por exemplo.

— *O que é que a sua vagina lembra?*

— Um belo pêssego negro. Ou um diamante.
Encontrei um tesouro e ele é meu.

— *O que há de tão especial com a sua vagina?*

— De alguma forma, bem lá no fundo, eu sei
que ela tem um cérebro muito sabido.

— *Sua vagina cheira a quê?*

— Flocos de neve.

**A MULHER
QUE AMAVA FAZER A
FELICIDADE DAS VAGINAS**

Eu amo vaginas. Eu amo mulheres. Não consigo vê-las como coisas separadas. As mulheres me pagam para dominá-las, para excitá-las, para fazê-las gozar. Mas eu não comecei desse jeito. Não, não, ao contrário. Comecei como advogada. Mas perto dos quarenta anos fui dominada pela obsessão de fazer as mulheres felizes. Havia tantas mulheres insatisfeitas. Tantas mulheres sem acesso à felicidade sexual. Tudo começou como uma espécie de missão, mas acabei me envolvendo. E fiquei muito boa na tarefa de fazer as mulheres felizes. Até mesmo brilhante. Era a

minha arte. Quando comecei, era paga. Era como se houvesse encontrado a minha vocação. A advocacia fiscal na época me parecia completamente chata e insignificante.

Eu usava roupas escandalosas e chocantes quando dominava as mulheres — rendas, seda e couro — e usava acessórios também: chicotes, algemas, cordas, vibradores. A advocacia fiscal não tinha nada disso. Não tinha acessórios, excitação, e eu odiava aqueles *tailleurs* azuis de executiva, embora ainda os use de vez em quando na minha nova linha de trabalho, e eles funcionam direitinho. O contexto é tudo. Não havia acessórios, não havia roupas exóticas na advocacia. Não havia umidade. Não havia as misteriosas carícias no escuro antes do ato. Não havia mamilos eretos. Não havia bocas deliciosas, mas principalmente não havia gemidos. Pelo menos, não o tipo de gemidos de que estou falando. Essa era a chave, vejo agora: os gemidos. Gemer era a coisa que, no final, me seduzia, e fiquei viciada em fazer as mulheres felizes.

Quando eu era menina e via mulheres no cinema fazendo amor, fazendo estranhos ruídos orgásticos (gemidos de prazer), eu costumava rir. Ficava estranhamente histérica. Não podia acreditar que

aqueles sons desavergonhados, que não podiam ser dominados, pudessem sair de mulheres.

Eu queria tanto gemer. Praticava em frente do espelho, em frente ao gravador. Gemia em várias chaves, em vários tons, algumas vezes com expressões operísticas, outras vezes de modo mais reservado, quase reprimindo a expressão. Mas quando ouvia meus gemidos no gravador, eles me pareciam falsos. Eram falsos. Suas raízes não tinham nada de sexual. O que havia era apenas o *meu* desejo de ser sexual.

Uma vez, aos dez anos, eu precisava fazer pipi urgentemente. Foi durante uma viagem de carro. Fiquei sofrendo, apertada por quase uma hora. Quando, finalmente, consegui fazer pipi no banheiro sujo de um pequeno posto de gasolina, estava tão excitada que gemi. Gemi enquanto fazia pipi. Não podia acreditar; eu, gemendo num posto de gasolina da Texaco, em algum lugar no meio da Louisiana. Naquela hora me dei conta de que os gemidos estão ligados ao fato de você não conseguir uma coisa que quer imediatamente; gemido é pedido de realização, é botar para fora. Compreendi que os gemidos eram melhores quando me apanhavam de surpresa; eles nascem e saem daquele lugar secreto e misterioso

que faz parte de você e que tem uma língua própria. Compreendi que os gemidos, na verdade, eram aquela língua.

Tornei-me uma gemedora. A maioria dos homens ficava ansiosa. Francamente, eles ficavam aterrorizados. Eu gemia alto, e eles não podiam se concentrar no que estavam fazendo. Eles perdiam o foco. E então perdiam tudo. Não podíamos fazer amor na casa dos outros. As paredes eram muito finas. Fiquei famosa no meu prédio, e as pessoas me olhavam com desprezo no elevador. Os homens achavam que eu era intensa demais. Alguns me chamaram de louca.

Comecei a ter vergonha dos meus gemidos. Tornei-me silenciosa e polida. Os sons que saíam de dentro de mim eu sufocava num travesseiro. Apreendi a segurar meus gemidos como se segura um espirro. Comecei a sentir dores de cabeça e desordens hormonais devido ao estresse. Já não tinha mais esperanças quando conheci as mulheres. Descobri que a maioria das mulheres adorava os meus gemidos — mais importante, contudo, descobri o quão profundamente eu ficava excitada quando as ouvia gemer; quando descobri que podia fazer outras mulheres gemerem. Isso se transformou numa espécie de paixão.

Descobrir a chave, abrir a boca da vagina, abrir a voz, aquela canção selvagem.

Fiz amor com mulheres silenciosas e encontrei o lugar dentro delas, e elas ficaram chocadas com os próprios gemidos de prazer. Fiz amor com mulheres gemedoras, e elas acabaram descobrindo dentro delas um gemido mais profundo, mais penetrante. Acabei obcecada. Ansiava por fazer as mulheres gemerem; queria estar no comando como um maestro, talvez um líder de banda.

Era uma espécie de cirurgia, uma espécie de delicada ciência. Encontrar o tempo certo, o lugar preciso, a origem do gemido. Era assim que eu chamava a fonte de onde nasciam os gemidos.

Às vezes eu a encontrava sobre os *jeans* de uma mulher. Às vezes, eu desarmava delicadamente todos os alarmes e entrava nela sub-repticiamente. Às vezes, usava de força, mas não de violência. Era mais uma espécie de dominação:

—Vou levar você para um lugar. Não se preocupe. Deite, relaxe e goze a viagem.

Outras vezes, a coisa toda era muito simples. Eu achava o gemido até antes de começar o sexo; enquanto comíamos salada ou galinha. Achava-o casualmente, com meus dedos.

— Viu como é simples? — eu perguntava, ali mesmo na cozinha.

As vezes eu usava acessórios. Adoro acessórios. Às vezes fazia a mulher descobrir seu próprio gemido bem na minha frente. Eu esperava o momento de ela se abrir. Não me deixava enganar pelos gemidos menores, os gemidos mais óbvios. Não, eu penetrava fundo, toda a vida, até a fonte energética do gemido.

Havia o gemido clitoriano (suave, dentro da boca), o gemido vaginal (profundo, na garganta), havia o gemido clitoriano, vaginal e orquestra. Havia o pré-gemido (a ameaça de um som), o quase gemido (um som circular), o gemidão (profundo, definitivo), o gemido elegante (som de risada sofisticada), o gemido Grace Slick (som de canção de rock), o gemido WASP—*white, anglo-saxon, protestant* — (sem som), o gemido semi-religioso (hino muçulmano), o gemido do topo da montanha (entre o normal e o falsete), o gemido bebê (som de gu-gu-gu), o gemido do cachorrinho (som ofegante), gemido de aniversário (som de festa muito doída), o gemido desinibido da bissexual militante (profundo, agressivo, pulsante), o gemido metralhadora e o gemido zen torturado (um som retorcido, faminto), o gemido da diva (agudo, com uma nota operística), o gemido dos dedos dos pés sobrepostos e, finalmente, o surpreendente gemido do triplo orgasmo.



Li o texto, assim que o acaba, para a mulher em cuja entrevista ele havia sido baseado. Achou que não tinha nada a ver com ela. Não que não tenha gostado do que eu escrevera, apenas não se via nas minhas palavras. Achou que, de alguma forma, eu evitara falar sobre vaginas; que, de um modo ou de outro, eu tentara objetificá-las. Até mesmo os gemidos teriam sido um modo de objetificar a vagina, cortando-os do resto da vagina, do resto da mulher. Havia uma diferença no modo como as lésbicas viam a vagina e eu ainda não o havia capturado.

Então, eu a entrevistei novamente.



— *Como lésbica* — ela disse — *preciso começar de um lugar basicamente lésbico e não dentro de um contexto heterossexual. Eu não desejo mulheres, por exemplo, por não gostar de homens. Os homens nunca foram parte da equação. Você precisa falar sobre entrar dentro de vaginas. Você não pode falar de amor lésbico sem falar disso.*

Por exemplo — ela continuou — *eu estou fazendo amor com uma mulher e ela está dentro de mim. Eu estou dentro de mim. Estou me fodendo junto com ela. Há quatro dedos dentro de mim. Dois meus e dois dela.*

Não sei se queria falar sobre sexo. Mas, por outro lado, como falar sobre vaginas sem falar sobre elas em ação? Estou preocupada com o fator titilação, com medo que o texto se torne gratuitamente escandaloso. Será que estou falando sobre vaginas para excitar ouvintes e leitores? E isso seria mau?

— *Nós, lésbicas* — ela disse — *sabemos sobre vaginas. Nós as tocamos, nós as lambemos, nós brincamos com elas, nós as provocamos. Nós notamos quando o clitóris se incha. Nós notamos quando o nosso clitóris se incha.*

Me dou conta de que estou embarçada ouvindo-a falar. Há uma combinação de razões para isso: excitação, medo, seu amor e sua naturalidade com vaginas, e o meu distanciamento, meu terror de dizer tudo isso em frente de vocês, a audiência.

— *Eu gosto de brincar com as bordas da vagina* — ela disse. — *Brinco nas bordas com meus dedos, nós dos dedos, dedos dos pés, língua. Gosto de entrar na vagina devagar, bem devagar e, de repente, enfiar três dedos dentro dela.*

Há outras cavidades, outras aberturas; há a boca, por exemplo. Quando estou com uma mão livre, há dedos na boca da mulher que está comigo, há dedos na sua vagina. Tudo funciona ao mesmo tempo. Sua boca chupa meus dedos, sua vagina chupa meus dedos. Ambas estamos chupando e estamos molhadas.

Tomo consciência de que não sei o que é apropriado. Nem mesmo sei o que essa palavra significa. Quem decide? Estou aprendendo tanto com o que ela me diz. Sobre ela, sobre mim.

— *Então eu fico toda molhada* — ela diz. — *Ela pode entrar em mim. Sinto que estou molhada e deixo ela enfiar seus dedos dentro de mim, seus dedos na minha boca, seus dedos na minha vagina. Então eu puxo a mão dela para fora da minha boceta. Massageio seu joelho com meus humores vaginais para ela saber o quanto estou molhada. Desço com as mãos molhadas de mim até as suas pernas; até estar com o rosto no meio das suas coxas.*

Falar sobre vaginas quebra o mistério ou esse é outro mito que mantém as vaginas no escuro, as mantém ignorantes e insatisfeitas?

— *Minha língua está no seu clitóris. Minha língua toma o lugar dos meus dedos. Minha boca entra na sua vagina.*

Essas palavras me soam sacanas, perigosas, muito diretas, muitos específicas, erradas, intensas, dominadoras, vivas.

— *Minha língua está no seu clitóris. Minha língua toma o lugar dos meus dedos. Minha boca entra na sua vagina.*

Amar mulheres, amar nossas vaginas, conhecê-las, tocá-las, familiarizarmo-nos com quem somos e

com o que necessitamos. Precisamos fazer isso para nos satisfazer, para ensinar nossos amantes a satisfazer-nos, para estarmos presentes nas nossas vaginas, para falar com elas em voz alta, para falar da fome, da dor, da solidão, do humor delas; para torná-las visíveis; para que não possam ser pilhadas no escuro sem maiores conseqüências; para que nosso centro, nosso ponto, nosso motor, nosso sonho não esteja mais distanciado, mutilado, entorpecido, quebrado, invisível ou envergonhado.

— Você precisa falar sobre entrar em vaginas — ela disse. — Venha — eu disse. — Entre.



Eu já apresentava esse texto há mais de dois anos quando subitamente me dei conta de que não falara sobre nascimento, sobre parto. Tratava-se de uma omissão bizarra. Apesar disso, quando recentemente contei minha descoberta a uma jornalista, ela me perguntou:

— Qual é a conexão?

Quase vinte e um anos atrás eu adotei um filho, Dylan, que não tinha muitos anos menos do que eu. No ano passado, ele e sua mulher, Shiva, tiveram um bebê. Pediram-me que estivesse presente na hora do parto. Não creio que, durante toda a minha investigação, eu houvesse realmente conhecido vaginas até aquele momento.

*Se, antes do nascimento de minha neta Colette, as
vaginas me impressionavam, depois do seu nascimento, eu,
certamente, as reverencio.*

E U E S T A V A L Á
N O Q U A R T O

Para Shiva

Eu estava lá quando sua vagina abriu.
Nós estávamos lá: sua mãe, seu marido
e eu,
e a enfermeira ucraniana com
a mão inteira
no fundo da sua vagina, sentindo-a e torcendo-
sua luva de borracha
como ela nos disse casualmente,
como se abrisse uma torneira.

Eu estava lá no quarto quando as contrações
fizeram-na rastejar de quatro,

quando ela fez estranhos gemidos vazarem
dos seus poros
e ainda estava lá, horas depois quando ela
gritou de repente,
selvagem, seus braços batendo contra um ar
elétrico.

Eu estava lá quando sua vagina deixou de ser
um tímido buraco sexual
para se transformar
num túnel arqueológico, num vaso sagrado,
canal veneziano, um poço profundo.
Dentro do poço, uma criança esperando
para ser resgatada.

Eu vi as cores da sua vagina. Elas mudaram.
Vi o azul quebrado, machucado,
o ferido vermelho cor de tomate,
o cinza-rosado, o escuro;
vi o sangue respirando ao longo das bordas,
vi o amarelo, o líquido branco, a merda, os coágulos
empurrando para fora todos os buracos,
empurrando mais forte, mais forte,

vi, pelo buraco, a cabeça do bebê
esboços de cabelos negros, eu os vi, logo ali, além
do osso — forte lembrança redonda,
enquanto a enfermeira ucraniana continuava
torcendo, torcendo
sua mão escorregadia.

Eu estava lá, quando cada uma de nós, sua
mãe e eu, levantamos uma perna e a puxamos
cada uma para um lado com toda a nossa
força, enquanto ela empurrava, e seu marido
contava severamente, "Um, dois, três"
enquanto lhe dizia para tentar mais
duramente.

Olhamos, então, para dentro dela.
Não conseguíamos tirar os olhos daquele lugar.

Esquecemos da vagina, todos nós,
o que mais poderia explicar
nossa falta de estupefação, nossa falta de
maravilhamento.

Eu estava lá quando o doutor
entrou com colheres de Alice no País das
Maravilhas

e estava lá quando sua vagina se transformou
numa larga e operística

boca

cantando com toda a sua força;
primeiro, a pequena cabeça, então cinzento
bracinho frouxo
então o rápido
corpinho nadador nadando célere para
nossos braços soluçantes.

Eu estava lá mais tarde quando simplesmente
me virei e fiquei de frente

para a sua vagina.

Fiquei parada e me deixei ver
ela toda aberta, completamente exposta,
mutilada, esfolada e retorcida,
sangrando sobre as mãos do médico
que, calmamente, a remendava.

Fiquei parada de olhos fixos, e sua vagina de
repente se transformou num enorme coração
pulsante.

O coração é capaz de sacrifícios.
A vagina também.

O coração é capaz de perdoar e reparar.

Pode mudar de forma para nos deixar entrar

Pode se expandir para nos deixar sair.

A vagina também.

Pode sentir dor por nós, pode se esticar por

nós, pode morrer por nós e sangrando nos

colocar dentro desse mundo

difícil e maravilhoso.

A vagina também.

Eu estava lá no quarto.

Eu me lembro.

A G R A D E C I M E N T O S

Há tantas pessoas incríveis que me ajudaram a dar à luz este texto e depois apoiá-lo em sua viagem pelo mundo. Quero agradecer à brava gente que levou a mim e ao meu texto para suas casas, faculdades e teatros: Pat Cramer, Sarah Raskin, Gerald Blaise Labida, Howie Baggadonutz, Carole Isenberg, Catherine Gammon, Lynne Hardin, Suzanne Paddock, Robin Hirsh, Gali Gold.

Um obrigado especial para Steve Tiller e Clive Flowers pela maravilhosa estréia londrina, e para Rada Boric, por apresentar meu texto com estilo em

Zagreb, e por ser minha irmã. Bênçãos para as maravilhosas e energéticas mulheres do Center for Women War Victims, em Zagreb.

Quero agradecer ao pessoal extraordinário do Teatro HERE, de Nova York, crucial para o sucesso da temporada: Randy Rollison e Barbara Busackino, por sua profunda devoção e confiança neste trabalho. Agradeço a Wendy Evans Josephs pelo magnífico cenário e grande generosidade; David Kelly; Heather Carson pelos seus espíritos iluminados e corajosos; Alex Avans e Kim Kefgen por sua paciência e perfeição. E por terem dançado comigo noite após a noite a dança do *coochi snorcher*.

Quero agradecer a Stephen Pevner pelo seu grande apoio no sentido de transformar um sonho em realidade, e a Robert Levithan por sua confiança. Obrigado a Michele Steckler por ter estado lá continuamente; a Don Summa por conseguir fazer com que a imprensa dissesse a palavra; e para Alisa Solomon, Alexis Greene, Rebecca Mead, Chris Smith, Wendy Weiner, *Ms.*, *The Village Voice* e *Mirabella* por escreverem sobre a peça com tal amor e respeito.

Quero agradecer a Glória Steinem por suas palavras maravilhosas e por estar lá do meu lado, e a

Betty Dodson por amar vaginas e ter começado tudo isso.

Quero agradecer a Charlotte Sheedy por me respeitar e lutar por mim, e a Marc Klein por seu trabalho do dia-a-dia e sua enorme paciência. Quero agradecer a Carol Bodie; sua crença em mim através dos anos difíceis e seu talento como advogada que venceu o medo das outras pessoas e fez com este texto fosse ao palco.

Quero agradecer a Willa Shalit por sua fé em mim, por seu talento e coragem ao apresentar meu trabalho para o mundo. Quero agradecer a David Phillips por ser meu fiel anjo da guarda, e a Lauren Lloy pelo grande presente que foi a Bósnia. Obrigada a Nancy Rose por sua experiência e sábios conselhos; um agradecimento especial a Marianne Schnall, Sally Fischer, Feminist. Com, e ao V-Day Committee.

Quero agradecer a Gary Sunshine por ter chegado no momento certo.

Quero agradecer à minha extraordinária editora, Molly Doyle, por defender esse livro em muitas casas e, finalmente, por ser minha sócia. Quero agradecer a Marysue Rucci por avaliar o projeto e ajudar-me a transformá-lo num livro. Quero agradecer à Editora Villard por não ter tido medo.

E então a meus amigos abençoados e as suas bênçãos: Paula Allen por pular; Brenda Currin por mudar meu carma; Diana de Vegh, cuja generosidade me curou; James Lecesne porque ele me vê e acredita; Mark Matousek por me impulsionar para a frente; Paula Mazur por ter feito a grande viagem; Thea Stone por ter ficado comigo; Sapphire, por ampliar minhas fronteiras; Kim Rosen, que me deixa dormir e morrer.

Quero agradecer a grandes mulheres: Michele McHugh, Debbie Schetcher, Maxi Cohen, Judy Katz, Judy Corcoran, Joan Stein, Kathy Najimy, Teri Schwartz, e às meninas da Betty pelo constante apoio e amor. Quero agradecer às minhas mentoras — Joanne Woodward, Shirley Knight, Linn Austin e Tina Turner.

Quero agradecer à minha mãe, Chris, minha irmã Laura e meu irmão Curtis por encontrarem a estrada confusa que os conduziu de volta uns aos outros.

Quero agradecer às bravas e corajosas mulheres do programa SWP que, cercadas pela escuridão, continuam a atravessá-la, particularmente a Maritza, Tarusa, Stacey, Ilysa, Belinda, Denise, Stephanie, Edwing, Joanne, Beverly e Tawana.

Quero agradecer profundamente às centenas de mulheres que me deixaram entrar em suas vidas privadas e me confiaram suas histórias e seus segredos. Que suas histórias abram o caminho para um mundo mais livre e mais seguro para Hannah, Katie, Molly, Adisa, Lulu, Allyson, Olivia, Sammy, Isabella e outras.

Quero agradecer ao meu filho Dylan, por me ensinar a amar, à minha nora Shiva e à minha neta Coco, por ter nascido.

Finalmente, quero agradecer a Ariel Orr Jordan que concebeu comigo este trabalho, e cuja bondade e ternura foram um bálsamo, foram o princípio.

S O B R E A A U T O R A

Eve Ensler é autora de teatro e escreve roteiros para o cinema. Sua peça *Os Monólogos da Vagina* ganhou o Prêmio Obie e foi indicada para o prêmio Drama Desk. Sucesso Off-Broadway, excursionou por todo o país e internacionalmente, o que incluí apresentações em Jerusalém, Zagreb e Londres. Sua peça *Necessary Targets*, encomendada pelo Joseph Papp Public Theatre, foi representada na Broadway em benefício das mulheres refugiadas da Bósnia e estrelada por Meryl Streep e Angelica Huston. Suas outras peças incluem *Floating Rhoda and the Glue*

Man; Extraordinary Measures; The Depot; Scooncat; Loud in My Head; Lemonade; Ladies; Reef and Particle e Cinderella Cendrillon. Seus artigos foram publicados em *Common Boundary, Ms.* e *Utne Reader.* Atualmente está trabalhando com Glenn Glose num roteiro para cinema sobre mulheres na prisão.

"A genialidade singular de Os Monólogos da Vagina está na capacidade de Eve Ensler em induzir seu público a relacionar-se intimamente com as partes perdidas, ignoradas e feridas de si mesmo e fazê-lo gritar, chorar e, por fim, explodir de tanto rir."

- Sapphire, poeta e autora de *Push*

"A linguagem tem o verve do poeta... Ensler sarapinta [os monólogos] com humor hilariante e faz que enverguem de rir os que lêem òua obra... Engenhosa."

- **The New York Times**

"Ensler... tem a grata aptidão de casar atitudes e opiniões nada convencionais com humor extremamente empolgante."

- **Mirabella**

"Eve Ensler compôs uma peça teatral sobre o que podemos chamar de assunto 'tabu'. Os Monólogos da Vagina é excitante, engraçado, corajoso e profundo — e sumamente original. Bravo!"

- **Patrícia Bosworth, autora de *Anything Your Little Heart Desires***